

O IDEAL

PUBLICAÇÃO QUINZENAL LITTERARIA  DEDICADA ÀS DAMAS VIMARANENSES

ASSIGNATURAS

Trez mezes..... 180
com estampilha..... 200

REDACTORES

G. Bello, M. de Mendonça e G. Oscar

REDACÇÃO

Rua de Santa Maria

BUCOLICA

(CONCLUSÃO)

DESCOUBROU os olhos com intenções alon-
sas.

«Ora bem! Ora bem!... E' de
ver quando isso?»

«De ver! para a nova vindima
talvez! Não, que eu ando a poupar...
que ainda hei de arrendar courella ao
Tiago e depois se verá... se verá!»

A cara da Luzia subiam ondas de
vermelhão.

Deu em pensar, estorcegando entre os de-
dos as dcbras da saia.

«Tu que dizes?»

Cahiu em si.

«Eu!? Bem que gracinha!»

«Queres?... Lá para a nova vindima...
está dito?»

«Pois decerto?»

E de novo, olharam-se muito, ora um, ora
outro, sem saberem mais que dizer.

Ella, a primeira, sacudiu-se.

Arrodilhou o trapo, foi-se à cantara e pol a
na cabeça.

«Faz-se tarde. Vantos embora...»

«Ora pressas!»

E casinurro, elle poz-se-lhe ao lado, mas
sem lhe dar a mão.

Fingiu enrolar um cigarro.

Ruido de guizeiras. Aos solavancos, des-
cia o carreiro, com rangidos de madeira moida,
um carro coberto.

Balidos ao longe. E crescendo, fortes, pro-
longados zurros dissonantes, motejo chromatico
de um canto selvagem.

Do céu, no crepusculo sereno, descia uma
tristeza singular.

Inexplicavelmente, os dois enterneceram-se:

«Tonio!»

«Quê?»

«Pois bem.»

De mão estendida:

«Estás zangado?»

«Não!»

Riram-se.

«An!... An!»

«Pois bem! que gracinha!»

Lá de baixo, de uma vinha, vibrou a can-
tar, voz grave, com melopeia arrastada:

Lá no largo da Matriz
ha uma linda roseira,
ella quer ser seriasinha
mas cahiu na maroteira.

Elles pegáram na deixa, n'uma expansão
rustica d'enlevo:

Mas cahiu na maroteira
outro tanto faconteça,
as meninas do collegio
são doidinhas da cabeça.

Acs ranchos, raparigas recolhiam das vin-
dimas.

Gargalhar alegre, choraes desconcertados:

Erva cidreira
quê...
Está no alpendre
quanto...
mais se rega
mais...
a folha pende.

E as vozes prolongavam-se n'um gemer de
cantilena.

Ao perpassar interpellaram-se.

«Adeus Tonio!»

«Adeus Luzia!»

«Adeus!... adeus!»

E já de longe, com herros esganiçados:

«Vão à funcção amanhã?»

«Pois de certo.»

Com passadas estrepitosas, cruzaram, na

volta do trabalho, os ganhões, de alforge e en-
chada ao hombro, ceifões nas pernas.

«Boas tardes, Tonio !»

«Boas tardes, seu Bento !»

O sol mergulha todo no horizonte.

No céu luzir de primeiras estrelas.

Grilhada; estrugidos rijos de cigarras; cho-
calhar longiquo de rebanhos; uma orcoestração
cahotica.

Do alto, de azas inteiriçadas, negros, esvoa-
çaram corvos, crocitando :

«Cuac ! Cuac !»

E elles não se sentiam.

Caminhavam, n'um contentamento de tro-
gloditas, herculeos, cheios de seiva, irradiando
vida, a despertarem n'uns vislumbres de racio-
nalidade que não comprehendiam, bosquejos de
ideias vagas nos cerebros.

Agora, pela frente, tufos de vegetação car-
rancuda, filas de piteiras, mascarando o monte.

Do outro lado, a casa terrea, fendilhada,
com linhas abauladas de choça de esquimós,
abarracamento de casebre toscó.

A' porta, espectro desgrenhado, uma velha
com gesticulações hirtas.

«Luzi...ia ! Luziiii...a !»

«Ih vou mãe !... Ih vou !»

O Antonio agachou-se nas piteiras.

«Então adeus Luzia.»

«Adeus Tonio.»

«Vaes amanhã ?»

«Pois decerto !»

«Cedo sim ?... que havemos de dançar.»

«Pois bem, que gracinha !»

De mãos apertadas, olharam-se muito, su-
bjugados.

Desejos violentos de felinos olfacteando
sangue !

Então elle abalou.

Gajado ao hombro, grandes passadas de gle-
bario, rouquejando villanela alfandegada que
lhe compassou a marcha :

As meninas do Torrão
da maior á mais pequena
ainda agora se casaram

.....
se casaram e já têm pena
as meninas do Torrão !

.....

Ella ficou a vêr sumir-se na sombra a si-
lhoeta do conversado.

A' porta, a outra misera, esganiçou-se :

«Luzi...a ! Luziiii...a !»

«Ih vou mãe !... Ih vou !»

Deitou a correr... a correr.

Depois a choça tragou-as, pela abertura es-
cancarada, guela negra de monstro fetido.

Halitos de feo e estrumeira !

Perto, no chiqueiro, grunhidos, sopros rou-
cos.

E muita sombra agora, manto silencioso
esfumando as perspectivas.

Nos longes dos arredores, pelas portas, pe-
las janellas, lumejaram as lareiras dos monti-
nhos.

Dos tectos esfusiaram para o ceo pennachos
de fumo branco.

Com cascarejos enjos, as gallinhas empolei-
ram-se, batendo azas desastradas.

PEDRO NAVARRO.

INGRATA !...

«Adeus, mulher, vago sonho
D'um ceeste e casto amor ;
Adeus, virgem, que me foste
Cèo, prazer, inferno e dor.»

S. Macario.

Ah ! tão cedo lançaste no olvido
Aquelle passado ledo e querido...
E cheio de recordação !...

Bem sei que fui indiscreto
Dar conselhos a quem, decerto,
Não eram uteis e bons !

*

Cumpriste bem as tuas vontades !
—Que importa ? ! Nestas idades
Nunca existem dores !...

Outros olhos mais formosos vejo,
Perennes de graça e de pejo...
—Lindos como os amores !

*

As saudades já se acabaram,
Nas azas da resignação voaram
P'ra longe do coração !...
Só as sinto por essa criança !...
—Formosa como a esperança !
Gentil como um botão !

Guimarães, abril de 98.

**

—v—

O casamento muitas vezes não passa de
uma troca de murmúrios durante o dia, e de
roneos durante a noite.

Cammeron.

—J.C.—

Carteira d'um Bohemio

(2.º DIA)

N'UM olhar ò Pomba da Arce Sancta, enviei-te
na Pureza da minha Crença, engastada na aureola
aurifulgente da Esperança. Sorriste!

O sorriso de Teus labios, rubros como uma
flor bisarra, onde a minha Alma respira voluptuosidades
que fazem nascer desejos libidinosos, concupiscentes,
foi uma chave d'ouro a abrir-me a porta do Castello da
Ventura; foi uma gondola de Luar e Sonhos que á Ilha dos
Amores me transportou.

Teus olhos, lampadarios dos corações, luas
de esmeralda, astros que brilham pelo céu dos
poetas, rosas cambiantinas com as refrações da Luz
Solar em queda limpida de agua crystalina, olhos que
têm rutilações de Via-Lactea, illuminaram-me a
Esperança e afugentaram a Dúvida, esse Sudario de
Trevas que obumbrava o Sol das minhas Alegrias.

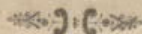
Dediquei-te desde então, ó rosa da Candura,
um Amor feito dos extasis de Petarcha, dos enlevos
de Paulo, do sentimento de Camões, da puresa de
Lamartine, dos arroubos de Dante, da grandeza de
Byron e emmoldurei-o no coração onde um altar
eregi para culto d'este Amor Ingente.

E' que o Amor, Flor do peccado, é uma cousa
tão augusta, tão Ideal tão grande e tão Sagrada
que ou ha de ser para as almas de estelliferos
reberberos uma verdadeira religião, tendo por
Templo o coração, por altar o peito e por sacerdote
a luz d'uns olhos que nos promettem amor, e como
tal o objecto de um culto, ou se é apenas venerando
na apparencia, será uma transparente hypocrisia.

Fiz esta confissão, e a Tua bocca, calix
espiritual de graça, urisada de maciesas de
arminho, fez, mão de neve sobre o Evangelho da
Paixão, o juramento mais solemne que ouvido
tenho.

O amor ia em ascensão.

Albino Bastos.



Silhouettes

II

E' galante esta minha perfilada,
Tem a ternura expressa no olhar...
Dos labios n'um sorriso o desdobrar
Nos mostra o despontar d'uma alvorada.

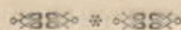
A setinea madeixa acastanhada
Dos cabellos offusca a luz solar,
E os *ninhos* onde os *beijos* vão poisar
Dão-lhe graça à face carminada...

Da Virgem tem o nome mavioso
Seguido d'outro ainda mais formoso...
E direi terminando o pobre esboço

Que só pecca em não ser vimaranense...
Mas que importa?... se quasi nos pertence...
Se o seu bom coração é quasi nosso...

Maio de 98.

BI-NIÑO.



POBRE VIRGINIA !...

O SINO do campanario, lançando nos ares seu
som plangente, triste, parece partilhar da dór
que dilacera as almas justas dos pacificos
habitantes da aldéa de...

Morreu Virginia !...

Virginia, essa formosissima e innocente
donzella que, ainda ha pouco se via correr pelo
jardim, n'uma alegria louca, ruidosa, parando aqui
e alem para colher esta ou aquella flór; em que
depunha os labios bellos e rosados, aspirando-
lhe, deleitada, o aroma perfumado e puro...
morreu ?!...

Morreu Virginia, essa louca e bella creança,
loura como as messes ceifaduras, bella como
devem ser os anjos do paraizo !

Pobre Virginia !...

Quem a não conhecia ?

Quem, ao vel-a, não sorria a ella, flor
graciosa e pura, como eram puras e graciosas as
flores que colhia; para, em ramos pequeninos
e mimosos os offerecer ás suas amigas ?

E todos os mancebos a cortejavam
respeitosamente, levando no pensamento essa
linda creança, d'olhar brilhante e puro !...

Pobre Virginia !...

Todos choram a sua morte !

Até a lua, grande, branca, silenciosa,
atravessando lentamente o espaço, se
oculta por detras d'uma nuvem, como se
quizesse esconder a sua dor...

Até as crystallinas aguas do ribeiro,
que mansamente serpea atravez as
verdejantes colinas choram por ella,
enviando lhe suas estrophes tristes,
que o benigno zephiro leva de quebrada
em quebrada...

Todos deploram a morte da pobre Virginia !

Guimarães, 98.

S. P.

Vitraes do Amor

Vi hontem da janella do meu quarto
Alegre como o riso das boninas
E bella como os tyrios das campinas
Avestal a quem dei o meu retrato.

Ao vel-A assim lembrei-me com Saudade
D'essas tardes em que fazia idyllios . . .
Dos tempos em que a minha Mocidade
Ia cheia de Luz e Alacridade,
Beijar-lhe os labios ! perfumados tyrios.

1898.  ALBINO BASTOS.

O amor antes do casamento parece um
prefacio curto a um livro pequeno.

Petit Senn.

CULTO

(a F...)

Vi-te serena e boa,
Como a agua azulada da lagôa
Que espelia em si o azul immenso e bom!
E puz-me a olhar-te, socegado e quedo,
Cheio d'espanto e medo,
Em santa adoração. . .

Absorto, vi depois
O brilho dos teus olhos meigos, soes !
Que me encheram de luz e de fulgôr . . .
Quiz ajoelhar então;—mas não podia,
Preso pela magia
D'um desvairado amor !

Um dia, na deveza,
Senti teus labios, cheios de pureza,
Presos aos meus n'um beijo apaixonado
E o amor que sentira por te ver
Passou, então, a ser
Um culto immaculado !

Hoje, linda creança !
Meu coração repleto de esperança

Auceia pelo dia do noivado ! . . .
—Ha-dê, até là, illuminar-me a vida
A tua luz querida !
O teu olhar nevado !

Coimbra.

F. ALEX NDRINO.

NUENUPHAR

Como um nenuphar, que divino
Brotasse do alto Rheno
Entre o crystal diamantino
De um puro lago sereno,

Assim ás vezes, imagino
N'um sonho casto, ameno
Ver o perfil suave e fino
D'aquella por quem eu penno.

Depois o sonho desfaz-se
Como um meteoro fugace
Nas brumas da madrugada

E eu vejo o nenuphar errando
Desfolhado e boiando
Na minha mente enlevada.

DOMINGOS GUIMARÃES.

PASSATEMPOS

LOGOGRIFFO

(RAPIDO)—A PREMIO

Reptil	Insignia
1—4—3—2	7—6—5—3—4

MOEDA.

Guimarães, 1898.

O CAMPEÃO.

Decifrações do 5.º numero :

Logogripho : Gallinhota.

EXPEDIENTE

Termina com o presente numero o primeiro trimestre d'este jornal, e por isso pedimos aos nossos estimaveis assignantes a fineza de satisfazerem os seus debitos logo que lhes sejam apresentados os recibos, e que desde já agradece

A REDACÇÃO.